



AS NOSSAS IMAGENS DO TEMPO E COMO ELE COMEÇOU

por Milton Pelegrini¹

Resumo: A velocidade das transformações técnicas para a mídia eletroeletrônica impõe uma brutal aceleração do tempo. Em toda a história da humanidade jamais passamos por uma transformação desta grandeza, pois implica em aumentar a velocidade da divulgação e do acesso à informação em níveis que desprezam a nossa capacidade de acompanhar este símbolo chamado "progresso". A velocidade dos avanços tecnológicos transforma nossas vidas e o nosso tempo subjetivo. Estamos sendo impelidos a nos inscrevermos como sujeitos do tempo-real da rede, do noticiário ao vivo e das bases de dados disponíveis da memória coletiva da humanidade na Internet. Estamos projetando nosso tempo subjetivo no tempo objetivo da informação e a mídia cumpre seu papel de facilitar esta migração. A tecnologia sustenta o progresso da comunicação e lança as bases para garantir uma imagem de eternidade para a informação. O presente trabalho pretende analisar, sob o viés dos conceitos de Vilém Flusser para os tempos subjetivo e objetivo, como a cultura lida com a questão dessas mudanças tecnológicas da mídia eletroeletrônica e seus reflexos diretos sobre as nossas vidas, ou sobre as imagens que são construídas diariamente de nossas vidas. O tempo da mídia eletroeletrônica não é o nosso tempo vivido e não tem a nossa realidade.

Palavras-chave: Tempo; Tempo dos Media Eletroeletrônicos; Tempo Subjetivo; Tempo Objetivo.

Abstract: The speed of the technical changes in the electroelectronic media claims for a huge time increasing. In the whole history of the humankind we had never experienced so mammoth transformation, inasmuch as this change implies in an increase of information's publish and access speed in levels that disregard our capacity to follow this guiding symbol called "progress". The technological advance celerity transform our lives and our subjective time. We are being compelled to pledge ourselves as subjects of World Wide Web's real time, live news and of the data base available in the humanity's collective memory on the Internet. We are projecting our subjective time on the information's objective time and the media accomplishes its role making

¹ Milton Pelegrini é jornalista, editor New Media na Agência Estado - www.estadao.com.br, mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, professor no curso de Comunicação em Multimeios da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, professor da Faculdade de Comunicação da Fundação Armando Alvares Penteado - Faap-SP e doutorando no Programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP.





this migration easier. The technology bears the communication progress and form the foundation for warrant an endless image to the information. This current study intends to analyze, under the Vilém Flusser's concept bias for the subjective and objective time, how culture deal with the technological changes in the electroelectronic media and its straigh reflex process over our lives or over the images that are daily constructed from our lives. The electroelectronical media time it is not our lifetime and has not our reality.

Keywords:Communication; Time; Electroelectronical Media Time; Subjective Time; Objective Time.

"Espaço, aqui estão as minhas dores."

(Vilém Flusser)

O Tempo é um tema recorrente para toda humanidade. Parece ser do Tempo que extraímos a partitura que serve ao instrumento de nomeação, que é a nossa língua. Ela é principal formadora de nossa realidade, da nossa segunda realidade. O filósofo judeu-tcheco-brasileiro, Vilém Flusser escreveu um notável livro sobre isso chamado "Língua e Realidade", em 1963. Escolhi um artigo escrito por ele que foi publicado no Suplemento Cultural de O Estado de S.Paulo no dia 31 de março de 1962. O motivo da escolha foi o fato de constatar, em textos posteriores, a idéia germinal que ele tinha do Tempo e de nossa percepção dele. Para não fugir à regra de sua coragem intelectual, Vilém Flusser nomeou esse artigo com um título teleológico: "**Do Tempo e o como ele acabará**".

Usando seus critérios epistemológicos chegamos à conclusão que não falaremos desse final dos tempos se não apontarmos nosso intelecto para o começo dos tempos. Tempos em um sentido plural de seus significados. Eu gostaria de fazer um pequeno parêntesis para ilustrar um pouco deste começo. Minha pesquisa seguiu a idéia de nomeação como início da construção de uma realidade ordenadora daquilo que Flusser considerava o "de tudo diferente", do silêncio autêntico. Todas as línguas foram construídas desse silêncio





absoluto, do inarticulado, desse "de tudo diferente" que Flusser usou para explicar nossa capacidade de criarmos um mundo mediado por signos. E mídia é exatamente isso, algo que está entre os sentidos e a realidade. A língua é mídia e toda mídia traz inscrito em seu suporte a marca do seu Tempo, que é quase sempre, a marca do seu tempo futuro.

A etimologia da palavra calendário, nome dado ao texto simbólico que ajuda-nos a construir nosso conceito de tempo e, portanto, edifica nossa temporalidade, nasce na língua indo-européia, uma língua falada há mais de 2 mil anos AC e que origem ao Balto-Eslavo, ao Germânico, ao Céltico, ao Itálico, ao Grego, ao Albanês, ao Iraniano e ao Sânscrito: **Kwel-**, que significa revolver, mover ao redor, dar a volta, e também significa longe (considerando o espaço e o tempo). O radical **K** significa cultivar, habitar e deu origem às palavras colonos, colônias, cultura e inquilino. É sabido que, curiosamente, a construção do calendário pelo homem obedeceu uma leitura de códigos binários que regiam nossa percepção da natureza. Dia e Noite, Verão e Inverno foram signos que ajudavam a medir as mudanças e estabeleciam um ordenamento temporal para este "de tudo diferente", como classificou Vilém Flusser. O sufixo **El** significa terminar, finalizar. Cria o conceito de fim e gera, com a duplicação do radical **K** + o sufixo **L** o conceito de "**ciclo**". Este conceito de ciclo é fundamental para entendermos como os tempos, no plural mesmo, são textos construídos pelo intelecto.

Flusser indaga em seu artigo sobre a natureza do Tempo: o que é o Tempo? Para ele, desvendar a "*cortina do Tempo*" significa para o homem desvendar o "*Ser em si*", o "*de tudo diferente*". E ele não hesita em construir uma história da construção filosófica para a nossa leitura dos tempos. "*De Moisés a Heidegger, de Tao-Te-King, o Rig Veda, Einstein e toda a biologia moderna conseguiram melhorar esta pergunta, sem entretanto respondê-la*", garante. E para Flusser esta pergunta não admite resposta. É possível que hajam





apenas definições sobre o Tempo elaboradas ao sabor de nossa história. Ele mostra Kant definindo o Tempo como uma das formas pelas quais a razão conhece a coisa em si. Fala de Schopenhauer que considera o Tempo como manifestação da vontade. Cita Bergson que tem o Tempo como o princípio criador, em contraste contra a "duração" destruidora ou apresenta a noção heideggeriana que interpreta o Tempo como a maneira pela qual a existência se impõe. Entretanto Flusser alerta para o fato de que o Tempo, como problema, foi superado mas não solucionado.

Como não poderia ser diferente em Flusser, sua análise se debruça sobre um ponto de vista diametralmente oposto dos olhares convencionais. Ele detecta o surgimento do Tempo para o homem como sendo um momento singular: *"Quando o espírito se inclina para o **de todo diferente**, afim de conhecê-lo, quando o **de todo diferente** se inclina sobre o espírito para realizá-lo, surge o Tempo"*. Nesse sentido o tempo é um conceito polar. Quando ele é observado a partir do espírito, o Tempo mostra seu lado subjetivo, e quando ele é visto a partir do *"de todo diferente"* o Tempo exhibe seu lado objetivo.

Seu exemplo para ilustrar o conceito de Tempo subjetivo é um colar de instantes. *"Todo instante é um desafio: exige que eu tome posição em relação às coisas que sobre mim se precipitam. Todo instante exige que eu compreenda e apreenda as coisas para escolher dentre as oportunidades quase infinitas que elas oferecem, uma única, recusando todas as demais... O caminho da minha vida, isto é, o meu tempo, deixa para trás um exército gigantesco de oportunidades definitivamente perdidas"*, define.

A morte é a limitação do tempo subjetivo. Sobre essa interferência do *"de todo diferente"* criamos uma realidade ordenadora, um sistema simbólico capaz de relativizar o caos e transformar a entropia numa ordem natural digerível. Flusser afirma que criamos, ao longo da existência, imagens do Tempo objetivo, projetando sobre elas o nosso próprio





tempo subjetivo. Ele cita como exemplo a metáfora da roda que gira como imagem sugerida pelos gregos, do mundo mecânico. Essa imagem do Tempo objetivo é fundada no ciclo, na repetição, na volta, no calendário que garante a existência destes ciclos. Há uma outra metáfora para o Tempo objetivo com outra imagem construída: a da flecha em vôo, que consiste em supor que os processos históricos não são reversíveis, *"e forma a base da nossa concepção biológica e histórica do mundo"*. Já em 1962 Flusser afirmava que a ciência estava em vias de abandonar a primeira imagem, e ao fazer isso *"corre o risco de perder, juntamente com eles, a possibilidade de uma interpretação racional dos acontecimentos do mundo"*.

A síntese desta tendência pode ser explicada pela segunda Lei da Termodinâmica. Para ela, a entropia (que é a medida de desordem de um sistema) no mundo aumenta constantemente. Assim, entropia e tempo objetivo são sinônimos. A flecha segue seu curso apontada para a entropia. O progresso do tempo é idêntico à oportunidade ultrapassada. E Flusser pondera: *"O acúmulo de oportunidades ultrapassadas, como medida de tempo, serve melhor do que as horas, os dias e os anos. Isso porque é linear e as medidas clássicas são circulares"*.

Desta forma, creio que a hipótese levantada pelo Prof. Norval em sua investigação de que a linha ou os processos lineares nasceram da caminhada, da descida da árvore para a savana, podem servir como sinalizadores da nossa tendência atual de criar imagens e conceber o Tempo objetivo como um fio que não dá voltas e por isso pôde ser possível construir um modelo simbólico linear para o Tempo.

O Tempo para o qual olhamos não é o tempo vivido. Flusser completa: *"não é o Tempo que nos faz sofrer e que lutamos para não perder"*. É o tempo irrelevante das coisas, um tempo que não tem a nossa realidade. Flusser assevera: *"realidade e tempo estão*





interligados e não há realidade extratemporal e eterna... O fim do tempo objetivo é irrelevante porque está além da minha morte e tem apenas interesse especulativo, e é essa contemplação que ajuda a suportar o tempo vivido". Esta é a explicação para a crença na idéia de milênios que acompanham surdamente a história do Judaísmo, do Cristianismo e Islamismo e acrescentaria Flusser então em 1962, nesta crença cuja forma mais moderna se chama marxismo. *"O resolver-se para o fim do mundo é mais fácil e otimista do que a resolução para a própria morte".* É com a crença na imortalidade que Flusser afirma perder-se o sentido da vida.

Em contrapartida, a fé na realidade além do tempo, numa vida além da morte também é irracional e não discursível. Para ele esta é uma região da qual falam, *"tão-somente, os mitos, e estes deixaram de ser, há centenas de anos, instrumentos do espírito civilizado".*

Portanto, a vida além da morte ou a imortalidade são construções culturais que aliviam o fardo de ter que carregar o tempo subjetivo, que segundo palavras dele, *"injeta a morte em cada instante da nossa vida".* Flusser considera que o tempo seja um momento situado entre o intelecto e a *"coisa"*, o *"de tudo diferente"*, algo que concebemos como realidade. A arte surge da fusão entre o espírito e o *"de tudo diferente"*, momento este que permite vislumbrar, embora fugazmente, a realidade atrás do tempo, segundo suas observações.

Nesse sentido, apontar o intelecto para essa realidade além do tempo forma toda disciplina intelectual e espiritual (fazendo referência à meditação, que ele considera ser também capaz de vislumbrar essa realidade além do tempo), inclusive de todo o conhecimento. Flusser chega a ser incisivo: *" o tempo é, portanto, a forma pela qual o espírito humano se afasta de suas origens, o tempo é o abismo que separa o espírito do **de tudo diferente**, e é por isso que ele é quase insuportável".* Talvez seja por isso que





seguiremos construindo novas imagens para esse Tempo, mesmo sabendo que estas imagens servirão apenas como mediadores simbólicos, e como símbolos nos projetarão em sentido contrário da entropia, em direção ao ralo formado por um outro tipo de silêncio, o silêncio inautêntico, *"o de tudo igual"*, o absolutamente articulável, que de resto deve representar o tempo da eternidade, o Tempo como valor absoluto.

Para a cultura e seus processos a lei da retroatividade permite-nos inverter a flecha do Tempo linear e apontar nosso futuro para o passado, restabelecendo o ciclo. Entretanto este não é o Espírito do Nosso Tempo, hoje. Num mundo mediado por aparatos eletroeletrônicos, suportes digitais, fluxos contínuos de informação, memória coletiva extrojeteada em bases de dados, conexões formadas por redes de redes, a tecnologia é a fiel depositária da idéia dessa flecha que segue cada vez mais rápida e acelerada rumo ao Tempo da eternidade científica, que de resto lembra o Tempo da eternidade religiosa, realidades inautênticas na concepção de Flusser, já que elas existem apenas depois de nossa morte. Estamos condenados a não termos futuro, já que o futuro também é uma construção imaginária, nascida do sonho do *"homo sapiens demens"*, usando uma definição do prof. Edgar Morin. A idéia de superação do passado é o fundamento para o conceito de futuro, portanto obedece uma lógica inautêntica.

As leis da cultura são fundadas na superação do tempo. Aliás a cultura nasce para superar a morte, o nosso tempo subjetivo. A consciência e a certeza da morte obrigou nosso intelecto a criar um mundo que estivesse entre os nossos sentidos e o Tempo subjetivo. Criamos o Tempo objetivo para que pudéssemos superar nosso Tempo subjetivo. Assim inscrevemos nossa existência na temporalidade das coisas, que está além da nossa morte. O símbolo diretor do progresso, que é manifestado pela tecnologia é a demonstração que vivemos uma crise existencial que está longe de ser resolvida. Criamos máquinas que





aceleram o Tempo objetivo numa velocidade cada vez mais alucinante, uma velocidade que despreza até mesmo nossa capacidade de apreendê-la, talvez para que possamos vislumbrar a eternidade científica de modo quase religioso antes da nossa morte. Se não olharmos para a nossa própria imagem e para a imagem do Tempo subjetivo no começo da nossa história, e não o incluirmos como parte do Tempo objetivo que construímos culturalmente, estaremos condenados a nos transformar em imagens em um mundo feito de silêncios inautênticos, *"do de tudo igual"*, em um mundo de eternidades.

Estamos abdicando do nosso tempo subjetivo em troca de um não tempo, ou melhor, de um nanotempo, que serve para medir a duração de realidades diferentes da nossa, serve para medir virtualidades. Criamos um nanotempo para medir a duração de nossas próprias imagens. Mas ele não serve para medir o nosso corpo. Estamos sendo lançados para um tempo e para um espaço que não são nossos, são de nossas imagens. Corremos o risco de, ao nos transformarmos em imagens, as considerarmos como nossas criaturas. Somos os Deuses neste ciberespaço que ordenam os sistemas de representação e codificação cultural da virtualidade e as nossas imagens, enfim, poderão viver na eternidade do nanotempo e do ciberespaço.

O prof. Norval Baitello afirmou em uma de suas aulas: *"nós criamos os Deuses para que os Deuses nos criassem"*. E eu acho que fizemos que esses Deuses criassem o Tempo objetivo para nos destruir. Desta maneira eles fundaram os motivos para que pudéssemos acreditar em suas existências, que talvez Vilém Flusser julgaria como existências inautênticas. Afinal, para quando pensamos que somos corpos e não imagens de corpos, a morte sempre foi e sempre será uma questão de Tempo.





BAITELLO, Norval, Jr., (1999) *O animal que parou os relógios* São Paulo : Anablumme

BYSTRINA, Ivan, (1995) *Tópicos de Semiótica da Cultura* São Paulo : Cisc - pré-print

DIZARD, Wilson, Jr., (2000) *A nova mídia - a comunicação de massa na era da informação*
Rio de Janeiro : Jorge Zahar

ELIADE, Mircea, (1969) *O mito do eterno retorno* Lisboa - Portugal : Edições 70

ELIAS, Norbert, (1998) *Sobre o tempo* Rio de Janeiro : Jorge Zahar

FLUSSER, Vilém, (1962) *Do tempo e como ele acabará* São Paulo : OESP - Suplemento
Literário

FLUSSER, Vilém, (1963) *Língua e realidade* São Paulo : Martins

FLUSSER, Vilém, (1965) *A história do diabo* São Paulo : Martins

LLEDÓ, Joaquín, (1999) *Calendarios y medidas del tiempo* Madrid - Spaña : Acento Editorial

MIELIETINSKI, E. M., (1987) *A poética do mito* Rio de Janeiro : Forense-Universitária

MORIN, Edgar, (1970) *O homem e a morte* Portugal : Publicações Europa-América

PELBART, Peter Pál, (1998) *O tempo não-reconciliado* São Paulo : Perspectiva

POMIAN, K., (1993) *Tempo / Temporalidade - Enciclopedia Einaudi* Lisboa - Portugal :
Einaudi

PROSS, Harry, (1999) *Atrapados en la red mediática* Navarra : Argitaletxe Hiru





ROBERTS, Edward A. y Bárbara Pastor, (1997) *Diccionario Etimológico Indoeuropeu de la lengua española* Madrid - Spaña : Alianza Diccionarios

ROMANO, Vicente, (1998) *El tiempo y el espacio en la comunicación* Navarra : Argilatexte Hiru

